

Andy Shepherd

O MENTINO
que CRIAVA
DRAGÕES

Ilustrado por Sara Ogilvie



A Ian, Ben e Jonas

Por sempre acreditarem em dragões... e em mim



Quando as pessoas me perguntam o que nós cultivamos no jardim do vovô, acho que elas esperam que a resposta seja pepinos, tomates ou feijão-verde. Acho que não esperam que a resposta seja dragões. Mas é isso. Nós criamos dragões. E posso lhe dizer o seguinte: eles dão *muito* mais trabalho do que pepinos.



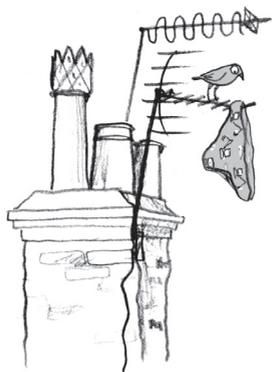
Coisas que pepinos *não* fazem:

Cocô no mingau do seu pai.



Chamuscar suas sobrancelhas.

Criar ninhos confortáveis destruindo todas as receitas organizadas em ordem alfabética da sua mãe.



Deixar a sua cueca (aquelas vergonhosas, com estampa de escavadeira) pendurada na antena da TV.

Perseguir seu gato.



Jogar repolhos no seu gato.

Tentar montar no seu gato
como se ele fosse um touro de
rodeio.



Acordar você às quatro ho-
ras da manhã *todo* dia, enfiando
garras afiadas na sua testa.

Incendiar a sua escova de dentes
ENQUANTO ELA AINDA ESTÁ
NA SUA BOCA.



É claro que eles também não têm
escamas que ondulam e brilham como a luz do sol
no mar. Nem têm olhos reluzentes capazes de ver o
seu coração. Nem se acomodam no seu ombro, com
a cauda enrolada, aquecendo o seu pescoço, com o
hálito quente fazendo cócegas na sua orelha.

Não, a gente não espera nenhuma dessas coisas de
um pepino. Bem, não dos pepinos que eu já vi na

vida. Quem sabe um pepino mutante radioativo espacial, mas não o tipo comum do seu jardim. Mas dragões? Bem, eles são uma história bem diferente.

Então, quem quer criar dragões? Que pergunta boba, não? É sério, quem em sã consciência diria não? Eu não, com certeza. E, pelo jeito, nem você.

Mas, *se* você quiser criar dragões, precisa saber onde está se metendo. É claro que eles são fogosos, fantásticos e deslumbrantes, mas dragões não são apenas diversão e brincadeiras. Nem de longe. E eu não estou falando só do fogo e do cocô inflamável. Ah, não!

E é por isso, meus desesperados por dragões, que estou escrevendo tudo isto, para que você possa ao menos entrar nessa de olhos abertos. Porque, vá por mim, você vai precisar que eles fiquem bem, bem abertos.



1
A batalha do bongô

Tudo começou há mais ou menos um ano. E foi tudo culpa do vovô. Bem, dele e da tortinha de geleia. Eu estava lambendo o restinho dela dos dedos quando ele disse:

– Nós deveríamos cultivar as nossas, Chicletinho.

– Tortinhas de geleia? – perguntei.

– Framboesas. – Ele sorriu. – Aí a gente poderia fazer nossa própria geleia para as tortas da vovó. Poderíamos misturá-las também. Morango e amora, groselha e framboesa... pense só nas possibilidades. *Que delícia!*

A imagem na minha cabeça era muito bonita: uma torta de geleia do tamanho de um prato grande, com partes de cores diferentes, como uma pizza de vários recheios.

— E mais também — continuou o vovô, antes que eu pudesse mergulhar mais fundo no sonho de geleia. — Rabanetes, ervilhas, cebolas, couve-flor... O que você quiser, podemos cultivar.

De repente, eu não estava tão certo de que era uma boa ideia. Geleia de morango e couve-flor? Eca! De qualquer jeito, eu já tinha frutas e vegetais suficientes para enfrentar, com minha mãe me enfiando goela abaixo cinco por dia. Quero dizer, ela até colocava fruta seca escondida em panquecas deliciosas... como se eu não fosse reparar!

Mas o vovô não era de deixar uma ideia de lado depois que ela entrava na cabeça dele. Então, lá estávamos nós no sábado de manhã, no fundo do jardim dele, cobertos de lama até as orelhas, cavando no que me parecia ser uma selva monstruosa. Na verdade, eu estava começando a entender por que a mamãe

tinha me oferecido mantimentos para a minha “viagem para a Amazônia”. Sem as urtigas e os espinheiros, o jardim dos meus avós era enorme, e se estendia até os campos ao longe.

– Queria me concentrar nisto desde que nos mudamos para cá – o vovô me contou, em uma pausa para recuperar o fôlego –, mas, entre uma coisa e outra, acabei não tendo tempo.

Parei de cavar e raspei a minha pá em um monte de lama. Eu sei que *você* não faz nem ideia do que ele estava falando, mas eu fazia. Eu sabia *exatamente* o que ele queria dizer com “uma coisa e outra”.

– Sinto muito – murmurei.

Porque eu sentia mesmo.

Ele apoiou os braços na pá e se inclinou na minha direção. Bem, tem uma coisa que *você* deveria saber sobre o meu avô: ele brilha. Isso pode parecer esquisito, mas é verdade. Existe uma frase que diz “ter um brilho nos olhos”, que significa estar radiante de felicidade. Bem, o meu avô tem um brilho maior do que o de qualquer pessoa que eu já conheci. E, naquele



momento, ele reluzia esse brilho para mim, até eu sentir o seu calor inundar cada pedacinho do meu corpo. Era como se eu estivesse sentado diante da fogueira mais quente de marshmallows.

– Então, Chicletinho, quantas vezes já lhe contei? Qual é o lance das famílias?

Eu sorri.

– Elas ficam juntas.

– Exatamente. – Ele sorriu. – Não é diferente das tortas de geleia. Agora, vá cavar!



Então eu cavei. A pior coisa de desenterrar foi um negócio que o vovô chamou de bongô: ele se enrolava em tudo, se prendia a raízes, brotos e arbustos com toda força.

Logo eu estava em um intenso cabo de guerra: garoto contra planta. E, por um momento, realmente parecia que o maligno Mestre Planta-Bongô poderia vencer.

Mas eu cavei. E raspei. E puxei. E arfei. Até restar apenas um pedaço de terra... e a planta mais estranha que eu já tinha visto.

Ela era mais alta do que eu, e as minhas mãos cheias de bolhas não se fechavam ao redor do seu tronco. Só que era difícil ver o tronco, por causa de todos os longos cactos verdes que pareciam braços que vinham do alto.

— Isso parece um esfregão gigante de ponta-cabeça — comentou o vovô. — Mas, claro... verde, espinhoso e nodoso também.

Estranhamente, ele não estava errado.

Brotando de alguns dos braços de cactos, havia tentáculos vívidos e amarelos, como chamas de fogo. E em cada um deles se aninhava uma fruta. Algumas eram grandes e vermelhas, quase prontas a explodir, outras eram pequenas e verdes, e pareciam novas. Mas todas tinham folhas espinhosas esquisitas como as de um abacaxi. Eram tão diferentes de qualquer coisa que eu já tinha visto na nossa fruteira em casa que me peguei esticando a mão para tocá-las.